

Universalismo e Tradições Celtas na Busca Humana por Significado

Bárbara Aline Ferreira Assunção

Resumo

Este estudo explora a interação entre seres humanos e o Universo, enfocando o impacto das convicções espirituais e crenças na compreensão humana do mundo e do significado da existência. A pesquisa destaca a influência das tradições e crenças celtas, analisando seu papel na formação do entendimento humano. O estudo investiga a interação de diferentes visões de mundo e como elas evoluem, levando a um distanciamento das raízes culturais nacionais e a uma identificação com elementos de outras culturas. Os objetivos específicos incluem analisar a influência das tradições celtas na compreensão contemporânea do significado da vida e do universo, examinar a relevância dessas crenças no contexto global e investigar o papel do Druidismo e de divindades Celtas na cultura espiritual global. A pesquisa, justificada pela necessidade de entender o impacto das crenças espirituais na visão de mundo humana, é conduzida por uma revisão bibliográfica, abrangendo autores que discutem as tradições celtas.

Palavras-chave: Humano-Universo. Celtas. Cultura

Abstract

This study explores the interaction between human beings and the Universe, focusing on the impact of spiritual convictions and beliefs in the human understanding of the world and the meaning of existence. The research highlights the influence of Celtic traditions and beliefs, analyzing their role in shaping human understanding. The study investigates the interaction of different worldviews and how they evolve, leading to a distancing from national cultural roots and an identification with elements of other cultures. The specific objectives include analyzing the influence of Celtic traditions in the contemporary understanding of the meaning of life and the universe, examining the relevance of these beliefs in the global context, and investigating the role of Druidism and Celtic in the global spiritual culture. The research, justified by the need to understand the impact of spiritual beliefs on the human worldview, is conducted through a bibliographic review, covering authors who discuss Celtic traditions.

Keywords: Human- Universe. Celts. Culture.

1 Introdução

O presente estudo explora a interação entre os seres humanos e o Universo por meio de suas convicções espirituais e crenças. Esta pesquisa enfoca o papel das tradições e crenças celtas na formação do entendimento humano acerca do mundo e do próprio sentido da existência.

Consoante com as observações de Peixoto (2007), as crenças espirituais influenciam a busca pela compreensão da existência humana. Muzaffar (2004) reitera a importância da orientação espiritual na vida humana, ressaltando seu papel em conferir significado à existência terrena e promover uma conexão com a comunidade global.

Este trabalho examina como diferentes visões de mundo interagem, influenciam-se e evoluem ao longo do tempo, conduzindo a um distanciamento das raízes culturais nacionais em favor de uma identificação com elementos e ideias que emanam de outras culturas (Peixoto, 2007).

Vieira (2000) aponta que a influência cultural pode ultrapassar fronteiras, criando vínculos mais estreitos com o global em detrimento do local. Nesse cenário, esta pesquisa tem como objetivo geral explorar a interação entre seres humanos e o Universo através de convicções espirituais e crenças, com ênfase no papel das tradições e crenças Celtas na formação do entendimento humano sobre o sentido da existência.

Tem-se como objetivos específicos: Analisar como as tradições Celtas influenciam a compreensão contemporânea do significado da vida e do universo; Examinar a relevância das crenças Celtas no contexto global, transcendendo fronteiras culturais e geográficas; Investigar o papel do Druidismo e de divindades Celtas na cultura espiritual global.

A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender o impacto das crenças espirituais na formação da visão de mundo humana, contribuindo para o entendimento de como culturas ancestrais continuam a mol-

dar as visões de mundo contemporâneas.

Como metodologia, o estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica, abrangendo obras de autores como Peixoto (2007), Vieira (2000), Sarmiento (1982), Blanc (2014, 2016), Léourier (2008), Ribas (2017), entre outros, que discutem as tradições Celtas.

2 Marco teórico

2.1 Os Celtas

Os Celtas, originários da Europa Central, se expandiram pelo continente, marcando presença em regiões como Bélgica, Itália, Espanha, França, Grã-Bretanha e Irlanda (Langer; Campos, 2010). Sua expansão ocorreu entre os séculos XII e VI a.C., um período que testemunhou a invasão da Península Ibérica e o início da cultura castreja.

Blanc (2014) observa que, apesar de sua diversidade, os Celtas compartilhavam elementos comuns como língua, comércio, instituições políticas e religião, mantendo, contudo, tradições locais distintas.

Eram conhecidos como um povo guerreiro, governado por reis e com profundo respeito pelos seus clãs, baseados em laços de parentesco. Um exemplo disso é encontrado na Escócia, onde cada clã tinha um padrão único de xadrez em suas roupas, simbolizando sua identidade (Langer; Campos, 2010).

Léourier (2008) nota que os Celtas se espalharam por grande parte da Europa central e ocidental, e até pela Ásia Menor, em diversas ondas migratórias, a mais recente no século V a.C. Eles possuíam armas de aço, superiores às de bronze das populações locais, o que lhes conferia vantagem na expansão e assimilação com os autóctones.

A religiosidade celta, caracterizada pelo politeísmo e pela conexão com a natureza, colocava a Grande Mãe como figura central em suas crenças (Ribas, 2017). Os deuses eram vistos em elementos naturais como fontes, terra, brumas e árvores.

Sainero (2009) ressalta que, embora adorassem diversos deuses, os mais conhecidos incluíam Lugos, Cernunnos, Esus, Sequana, Brigantia, Epona e Matrona. Neste panteísmo, as deidades manifestavam-se em vários aspectos da natureza, morando em fontes e colinas, conhecidas como sidhe. A adoração era focada nas forças e ciclos naturais, com especial reverência às Águas e ao Sol (Langer; Campos, 2010).

Quatro principais festividades lunares destacavam-se no calendário celta: Samhain (1 de Novembro), marcando o fim do verão e coincidindo com o Halloween; Imbolc (1 de Fevereiro), iniciando a primavera; Beltane (1 de Maio), celebrando o Deus do Fogo e o início do verão; e Lughnasad (1 de Agosto), a festa das colheitas (Ribas, 2017).

Blanc (2016) destaca que, como cultura animista, os Celtas acreditavam na essência espiritual de animais, plantas, rochas e fenômenos climáticos. Os druidas desempenhavam um papel vital nos rituais, realizados em bosques e clareiras e nas margens dos rios. Cada elemento estava associado a uma divindade ou espíritos elementais, como as fadas.

As mitologias celtas, transcendendo a dualidade de bem e mal, representavam forças da natureza. A tradição oral era predominante, e evitava-se a escrita, atribuindo-lhe um poder mágico. Acreditava-se que a escrita poderia permitir que o conhecimento druídico caísse em mãos erradas ou fosse mal interpretado (Ribas, 2017).

2.2 Druidismo

Os Druidas, detentores do poder sacerdotal na sociedade celta, tiveram um papel fundamental na união das tribos célticas, tanto insulares quanto continentais. Apesar dessa união espiritual, nunca formaram um Estado centralizado. O fim da era dos druidas, situado entre o final da Antiguidade e o início da Antiguidade Tardia, permanece um mistério, como Mendonça (2021) observa.

Donnard (2006) explica que a etimologia de “druida” tem origem celta, significando “aquele que tem o conhecimento do carvalho” ou “o homem sábio do carvalho”, indicando seu papel como conhecedor das árvores-espíritos e da magia. Na estrutura religiosa celta, segundo a tradição literária irlandesa, havia três níveis: druidas, bardos e vates. Os druidas, além de serem conselheiros e detentores de conhecimento mágico com habilidades para manipular a natureza, exerciam influência religiosa e política. Os bardos, poetas responsáveis por registrar histórias e mitos em canções e poesias, e os vates, adivinhos, complementavam essa estrutura (Ribas, 2017).

Blanc (2016, p. 31) destaca que, no druidismo, as mulheres, conhecidas como druidisas, tinham um papel respeitado, dominando o poder das palavras, pedras e ervas. Elas exerciam funções diversas, como cantar para os moribundos, realizar encantamentos, profecias, feitiços, auxiliar em nascimentos e efetuar curas.

Os druidas eram guardiões do conhecimento, dedicando cerca de vinte anos à memorização de versos, poemas, encantamentos e leis. Atuavam como mediadores entre as tribos celtas em conflito entre si. Léourier (2008) salienta que os romanos viam os druidas como o elo unificador entre as tribos celtas rivais, percebendo que sua eliminação enfraqueceria a resistência celta e, destruiria a essência de sua cultura.

Com a invasão de forças externas, parte do conhecimento e das tradições celtas se perdeu. O conhecimento atual sobre a mitologia celta provém principalmente de fontes da Irlanda, País de Gales e Escócia.

2.3 Deusas

Os Celtas celebravam uma variedade de deusas e deuses como encarnações dos mistérios e da beleza da natureza. Eles falavam idiomas pertencentes à família linguística indo-europeia, que evoluíram para línguas como o irlandês, o gaélico-escocês, o corno, o galês e o bretão, ainda preservadas até hoje (Faro, 2020).

A arte celta, reconhecida por sua riqueza simbólica, reflete o imaginário deste povo. Caracterizada por representações de animais sagrados, deidades, guerreiros e padrões espirais, oferece um vislumbre da cultura e espiritualidade celta (Langer, 2015).

Um elemento arquetípico central nos mitos celtas é a figura feminina, representada por uma deusa ou rainha que simboliza a Terra e a soberania, destacando o respeito e a veneração dos Celtas pelo princípio feminino e sua ligação com a natureza e a vida (Faro, 2020).

Nas crenças celtas, as deusas são personificações das forças da natureza, reforçando a ideia de que a natureza é a fonte de poder na bruxaria e em outras práticas espirituais. A jornada simbólica da alma feminina, no contexto celta, é muitas vezes interpretada como um caminho de autodescoberta e reconexão com o Self, o núcleo do ser.

2.3.1 *Danann e seu Legado Simbólico*

O mito de Danann, enraizado na tradição celta, constitui uma peça para a compreensão do imaginário e da espiritualidade desse povo. Conforme apontado por estudiosos, como Faro (2020), muitos dos mitos antigos, particularmente aqueles vinculados às divindades, não foram documentados durante o processo de cristianização, especialmente no século XII por monges irlandeses.

Este período foi marcado pela transição de mitos gaélicos da oralidade para a forma escrita, contexto no qual o cristianismo emergia como a religião dominante na Europa, considerando heréticas as mitologias associadas a deidades pagãs (Ribas, 2017).

A transição para o cristianismo, contudo, não apagou o espírito ancestral celta que continuou no imaginário popular. Danann, representada como uma mulher sábia, é descrita nos mitos como residente de ilhas situadas ao norte do mundo conhecido. A lenda a descreve sonhando com um lugar, adornado por rios e montanhas, e uma terra resplandecente em verde-esmeralda. Convencida de que tal local era o destino de seu povo, Danann os guiou até a Ilha Esmeralda, posteriormente identificada como Irlanda. Narrativas mitológicas relatam que, sob a influência de seu povo, a paisagem da ilha foi transformada por meio de sua magia, dando origem a novos rios, montanhas e florestas (Faro, 2020).

Ao final de sua vida, segundo Ribas (2017), Danann convocou seu povo, transmitindo-lhes suas últimas instruções e bênçãos. Com sua morte, acredita-se que seu corpo se fundiu à terra, formando duas montanhas no local de seus seios, simbolizando sua sabedoria e ensinamentos.

A paz prevaleceu na ilha até a chegada dos filhos de Mil, também conhecidos como milésios, originários da Torre de Bréogan na antiga Ibéria. As confrontações subsequentes foram pacificadas quando o druida Amergin, em um gesto de respeito à alma da Terra, recitou um poema mágico, permitindo que os milésios se estabelecessem na ilha. O povo de Danann, aceitando o fim de sua era, metamorfoseou-se em fadas e seres encantados, passando a habitar o submundo de colinas, lagos e bosques (Squire, 2003; Bellingham, 1997).

Além disso, o mito de Danann transcende o contexto histórico e geográfico, representando uma metáfora para a cura da relação com a figura materna. Segundo Faro (2020), este mito ensina que muitos dos complexos psicológicos que emergem na infância e em fases posteriores da vida estão ligados à relação com as figuras maternas.

A jornada para honrar a origem da vida, para compreender os padrões inconscientes perpetuados por gerações e para adquirir consciência na quebra de ciclos viciosos e na criação de ciclos virtuosos é destacada como um caminho de cura e autoconhecimento (Ribas, 2017).

2.3.2 *Brighid*

Brighid, uma figura na mitologia celta, é reverenciada sob diferentes denominações em várias regiões, como Brigit na Irlanda, Bríd na Escócia, e Brigindu ou Brigantia na Gália (antiga França). Sua veneração, que se destaca desde o primeiro século d.C., abrange tanto os povos celtas quanto os galo-romanos, evidenciando sua influência transregional (Faro, 2020).

Na Irlanda, especialmente no condado de Kildare, a catedral de Santa Brígida é um marco simbólico, onde uma chama é mantida pela Ordem das Irmãs Brigidinianas. Brighid é associada à primavera e ao renascimento da terra, simbolizando a renovação e a fertilidade.

Na Escócia, ela é venerada como Bríde, a rainha da primavera, em contrapartida a Beira (ou Cailleach), a rainha do inverno. Essa dualidade entre Bríde/Brighid e Beira/Cailleach, como apontado por Mackenzie (1917), reflete a representação de luz e sombra, verão e inverno, dia e noite na mitologia celta.

Bríde/Brighid reina durante os períodos mais quentes do ano, enquanto Beira/Cailleach, representando o arquétipo da anciã sábia, predomina nas estações mais frias. Cailleach, além de simbolizar o término de ciclos, é a encarnação da sabedoria ancestral que se renova constantemente. Ela é tanto a rainha do inverno quanto a precursora da promessa da primavera, em uma representação cíclica de morte e renascimento (Ribas, 2017).

Brighid é descrita como uma figura de beleza radiante e personificação da natureza, em contraste com Cailleach, que é retratada como uma mulher idosa, alternando entre a severidade e a benevolência (Faro, 2020). A narrativa oral irlandesa relata o nascimento de Brighid no dia 1º de fevereiro, marco do prelúdio da primavera, cuja luz e beleza eram tão intensas que criavam a ilusão de dois sóis no céu (Ribas, 2017).

Brighid é cultuada como a deusa do fogo sagrado e se manifesta em três aspectos principais: a deusa do fogo da lareira, protetora dos lares e das mulheres; a deusa do fogo da forja, protetora dos guerreiros e ferreiros; e a deusa do fogo da inspiração, patrona dos druidas e bardos. Adicionalmente, é a guardiã de fontes sagradas, fontes de cura e fertilidade.

A fonte em Kildare é um local sagrado de peregrinação, celebrado durante o festival de Imbolc em 1º de fevereiro, marcando a iminência da primavera (Faro, 2020). Nas tradições celtas, parteiras invocavam Brighid durante o parto, abrindo a porta principal da casa para simbolizar o papel da deusa em guiar a alma da criança para o mundo.

Com seus poderes e atributos, Brighid está ligada aos elementos do fogo, da água e da terra, representando os Três Mundos da cosmologia celta: céu, mar e terra. Seu nome, que evoca exaltação ou elevação, ressalta seu status como uma deusa de veneração (Ribas, 2017).

2.3.3 *Macha como Representação da Soberania Feminina*

Macha emerge como uma figura central na mitologia celta, reverenciada como uma deusa ancestral simbolizando a soberania, o poder feminino e a força vital da Terra. Ela é associada à fertilidade e ao ciclo vital de vida, morte e renascimento, tendo como símbolos sagrados o corvo e o cavalo, elementos que reforçam sua conexão com a natureza e o espiritual (Faro, 2020).

A narrativa mais conhecida de Macha envolve Crunniuc, um líder tribal de Ulster, na região norte da Irlanda. Após a perda de sua esposa, Crunniuc vê sua vida transformada pela chegada de uma mulher enigmática e nobre. Esta mulher, que se revela como uma integrante dos Sídh - seres de uma dimensão mística conhecida como “Outro Mundo” - exige de Crunniuc respeito à sua privacidade e honra à sua verdadeira essência. A presença dela traz ordem e harmonia ao lar de Crunniuc, mas também desconfiança e temor entre os aldeões, devido ao seu passado e origem desconhecida (Faro, 2020; Ribas, 2017).

O mito de Macha reflete um período de transição na cultura celta, marcado pela mudança de uma sociedade matriarcal para uma dominada por valores patriarcais. Nesse contexto, aspectos relacionados ao feminino começaram a ser subjugados e desvalorizados. A “maldição de Macha”, conforme descrita na lenda, surge como uma resposta contundente a essa transição, ensinando aos homens a importância de reconhecer e respeitar a força feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres, no que se refere ao nascimento e à renovação da vida (Ribas, 2017).

O mito de Macha carrega uma mensagem sobre a rejeição de relações abusivas e a inaceitabilidade da violência, reafirmando a autonomia das mulheres, seu direito de governar seus próprios destinos, tomar decisões e agir com força e determinação. Este mito desafia as normas e estruturas patriarcais, reforçando o papel da mulher como uma figura soberana e capaz em sua própria narrativa (Faro, 2020).

2.3.4 O Caldeirão da Transformação e Sabedoria de Cerridwen

Cerridwen, é especialmente venerada no País de Gales como a detentora de um caldeirão mágico. Conhecida como a “Senhora do Caldeirão” da Awen - uma expressão galesa que significa inspiração divina - Cerridwen simboliza sabedoria, inspiração, iniciação bárdica e transformação.

A lenda mais famosa associada a Cerridwen conta a história de seus dois filhos: Creirwy, uma jovem de extrema beleza, e Afagddu, um filho de aparência menos agraciada. Visando compensar a falta de beleza de Afagddu, Cerridwen empreende a criação de uma poção mágica, destinada a conceder sabedoria e inspiração ao consumidor. Essa poção, no entanto, requer ingredientes especiais e um processo de cozimento meticuloso de um ano e um dia (Faro, 2020).

Na realização desta tarefa, Cerridwen é auxiliada por um servo cego, Morda, e um jovem chamado Gwion. Um incidente ocorre quando três gotas da poção atingem Gwion, concedendo-lhe um conhecimento extraordinário. Gwion, temendo a ira de Cerridwen, inicia uma fuga, durante a qual o caldeirão se rompe, espalhando seu conteúdo e contaminando um lago próximo.

Cerridwen, ao perceber o que aconteceu, embarca numa perseguição implacável a Gwion, atravessando diversas formas e paisagens. A caçada culmina com Cerridwen, transformada em galinha, engolindo Gwion, que se disfarçara de grão de trigo. Posteriormente, Cerridwen engravida e dá à luz a Gwion renascido, a quem decide não punir, mas sim lançar ao mar dentro de uma bolsa de couro (Faro, 2020).

O jovem é encontrado pelo príncipe Elphin, que o nomeia Taliesin, significando “semblante radiante”. Taliesin, que mais tarde se revela como um poeta e cantor prodigioso, é celebrado como o maior bardo de Gales, assumindo também a figura de Myrddin.

O caldeirão de Cerridwen é um símbolo de seu próprio útero, representando a renovação e a sabedoria. O fato de Cerridwen ser a Senhora da Awen e, mesmo assim, não antecipar a ingestão da poção por Gwion, ressalta a imprevisibilidade do destino. O mar atravessado por Taliesin simboliza a passagem do espiritual para o material, um tema recorrente na mitologia celta (Barros, 1994).

2.3.5 Morrigan

Morrigan, na mitologia celta, é uma figura que representa o arquétipo da “Bela Morte”, simbolizando a morte honrada, aquela almejada por guerreiros e heróis nas lendas, onde o sacrifício é feito por causas nobres - a sobrevivência de um povo, a conquista de terras sagradas, ou a realização de feitos que perduram através dos tempos (Ribas, 2017).

Além de sua vinculação com a morte e a guerra, Morrigan também manifesta o arquétipo do Amante, sendo retratada como uma figura feminina bela e sensual. O uso de cores em sua representação, como o vermelho e o preto, é repleto de simbolismo: o vermelho evocando paixão, força, poder e sensualidade; o preto sugerindo mistério, ocultismo e o desconhecido. Juntos, esses tons simbolizam a paixão e a morte, refletindo valores enraizados na psique humana (Faro, 2020).

Um momento na mitologia envolvendo Morrigan é sua interação com Cuchulain, um dos maiores heróis celtas. Morrigan, como uma amante sedutora, tenta conquistar Cuchulain. Este, entretanto, comprometido com sua jornada heroica, rejeita os avanços amorosos da deusa. Tal rejeição desperta a ira de Morrigan, que decide enfrentar o herói em batalha. Após um combate intenso que termina em empate, Morrigan e Cuchulain selam um acordo tácito, com a deusa auxiliando na cura das feridas do herói. Este incidente marca o início de uma relação que mistura elementos de adversidade e amizade entre a deusa e o herói.

Morrigan, assim, emerge como uma deidade que encarna tanto a morte honrosa quanto a paixão avassaladora, o que destaca a riqueza e a multiplicidade dos deuses na mitologia celta, sublinhando a tapeçaria de simbolismo e significado que permeia esta tradição antiga (Ribas, 2017).

2.4 Mulheres Celtas

Na sociedade celta, as mulheres ocupavam uma posição de destaque e desempenhavam papéis ativos e influentes, diferentemente de muitas outras culturas da mesma época. Antes da romanização, as mulheres



celtas gozavam de direitos consideráveis, como a capacidade de pedir divórcio e de reter propriedades após o casamento, refletindo um status social elevado e independente (Ribas, 2017).

Além das responsabilidades domésticas, as mulheres celtas estavam envolvidas em aspectos governamentais e militares de suas sociedades. Um exemplo é Boudica, a rainha da tribo Iceni, que emergiu como uma líder feroz após a morte de seu marido, Prasutagus. A brutalidade dos romanos contra ela e suas filhas desencadeou uma revolta, durante a qual Boudica liderou ataques contra colônias romanas como Camolodunum, resultando na morte de cerca de oitenta mil pessoas (Langer; Campos, 2010).

Os guerreiros celtas, conhecidos por sua ferocidade em batalha, lutavam com pouca armadura ou quase nus, adornados com pinturas corporais, feitas com corantes azuis ou brancos, como uma forma de intimidar os oponentes. Eles também tinham o costume de exibir as cabeças dos inimigos derrotados como um troféu de guerra.

Apesar das vitórias iniciais, Boudica e suas forças acabaram sendo derrotadas pelos romanos, que possuíam vantagens estratégicas e equipamentos superiores. Essa derrota, no entanto, não diminuiu a importância histórica e o impacto de sua revolta (Ribas, 2017).

Segundo Robbins (2004), a arte da guerra era uma parte integral da vida celta, com mulheres participando ao lado dos homens em combate. As mulheres irlandesas, em particular, eram conhecidas por lutarem ao lado dos homens, especialmente contra os romanos, refletindo o combate refletido a estrutura igualitária e o respeito pela força feminina na sociedade celta.

A guerra, na cultura celta, tinha um aspecto místico e sagrado. Havia a crença na vida após a morte e na glorificação da morte em batalha. A guerra era vista como uma destruição necessária que precedia o renascimento, estabelecendo uma conexão íntima entre vida, morte, guerra e sexualidade (Funari, 2010).

Considerações Finais

Este estudo sobre a cultura celta enfatiza a importância destas tradições na jornada humana em busca de significado. Os celtas, na antiguidade, destacaram-se por suas práticas religiosas e sociais, marcadas pelo respeito à natureza e pela adesão ao politeísmo, refletidas em suas atividades diárias, na arte e na organização social.

Os druidas, figuras emblemáticas desta cultura, eram reconhecidos por sua sabedoria e habilidades místicas, atuando como conselheiros, curandeiros e intermediários entre os mundos físico e espiritual. Sua influência estendia-se além do âmbito religioso, permeando as esferas políticas e sociais das tribos celtas.

As divindades celtas eram centrais para a vida cotidiana, celebradas através de rituais e festivais que marcavam o ciclo das estações e os momentos significativos da vida. A arte celta, com seu simbolismo, oferece uma janela para o universo espiritual e cultural deste povo, refletindo suas crenças, valores e a narrativa histórica.

Atualmente, a influência celta ainda é perceptível, demonstrando a persistência de suas tradições, mitos e práticas. Estes elementos continuam a moldar as sociedades modernas, sublinhando que a busca humana por compreensão e conexão com o cosmos é uma constante ao longo da história. A cultura celta, rica em mitos e simbolismo, fornece uma perspectiva para essa jornada contínua, servindo como um lembrete da conexão da humanidade com o mundo natural e o universo espiritual.

Referências

BALDI, César Augusto (org.). Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita. Rio de Janeiro: Renovar, 652p. 2004.

BARROS, M. N. A. Uma luz sobre Avallon. São Paulo: Mercury, 204p. 1994.

6

BELLINGHAM, D. Mitología celta. Madrid: Edimat Libros, 2002.

BLANC, C. A Magia da Mitologia Celta: Os Tuatha De Danann, Magos, Fadas, Gnomos e Duendes. Revista Guia da Mitologia Celta. São Paulo: Ed. On Line, v.1, 2014.

BLANC, C. O Povo Celta, Sociedade, Religião, Deuses, Deusas e Heróis. Revista Guia da Mitologia Celta. São Paulo: Ed. On Line, v. 2, 2016.



DONNARD, Ana. As Origens do Neo-Druidismo: entre tradição céltica e pós-modernidade. Estudos da Religião, n.2, p.88-108, 2006.

FARO, Mayra. As deusas celtas e a jornada simbólica da alma feminina. Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo, v. 5, p. 1-20, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo. As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas, e outros povos cultuavam seus deuses. Editora Contexto, 2010.

LANGER, Johnni. Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos. Hedra, 2015.

LANGER, Johnni; CAMPOS, Luciana de (Org.). A religiosidade dos celtas e germanos: anais do IV Simpósio Nacional e III Internacional de Estudos Celtas e Germânicos. São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010.

LÉOURIER C. Contos e Lendas da Mitologia Celta. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MACKENZIE, D. A. Wonder tales from Scottish myth and legend. Scotland: [s.n.], 1917.

MENDONÇA, Bárbara Matte de Fernandes. Produção de podcasts - Ciência da Religião e Druidismo: O Que É Isso? Um breve contexto do druidismo no Brasil a partir do XI Encontro Brasileiro de Druidismo e Reconstitucionismo Celta. 2021. Monografia de Especialização - Faculdade de Ciências Sociais, Especialização em Ciência da Religião: uma Capacitação para os Estudos da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MUZAFFAR, Chandra. Islã e Direitos Humanos. In: BALDI, César Augusto (org.). Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita. Rio de Janeiro: Renovar, 2004, p. 315.

PEIXOTO, Érica de Souza Pessanha. Universalismo e Relativismo Cultural. Revista da Faculdade de Direito de Campos, Campos dos Goytacazes, ano VIII, nº 10, jun. 2007.

RIBAS, Karoline Aparecida de Oliveira. A deusa e a mulher contemporânea: uma leitura dos arquétipos femininos em mitos celtas. 2017. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

ROBBINS, T. Wild Irish roses: tales of Brigits, Kathleens, and warrior queens. Newburyport: Conari Press, 2004.

SAINERO, Ramon. Diccionario Akal de Mitología Celta. Madrid: Akal, 2009.

SARMENTO, F.M. Etnologia –Os celtas na Lusitânia. Revista Científica, Ano I, Porto, 1982.

SQUIRE, C. Mitos e lendas celtas. São Paulo: Nova Era, 2003.

VIEIRA, Liszl. Cidadania e globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.